

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



A degradação do bioma, que pode chegar a 90% do original, ameaça o abastecimento de água e a qualidade de vida na capital, exigindo políticas públicas eficazes, avalia César Victor, colaborador da Fundação Pró-Natureza (Funatura)

Na luta pela defesa do Cerrado

» CARLOS SILVA

Carlos Vieira/CB/D.A Press

No coração do Brasil, onde o Cerrado se estende como a savana mais rica em biodiversidade do planeta, a preservação ambiental deixou de ser apenas uma pauta ecológica para se tornar uma questão de sobrevivência. Apesar dessa relevância, o avanço da urbanização e da agropecuária tem imposto pressões crescentes. Estimativas apontam que entre 50% e 80% da cobertura original do Cerrado já foi degradada ou convertida para uso humano, enquanto menos de 4,5% da área está protegida por unidades de conservação. Essa contínua fragmentação de habitats compromete não apenas fauna e flora, mas até mesmo a vida urbana na capital.

É nesse contexto que vozes como a de César Victor ganham volume, ao chamar atenção para a relação direta entre conservação da vegetação nativa, segurança hídrica e qualidade de vida no Distrito Federal. Segundo o engenheiro florestal e colaborador da Fundação Pró-Natureza (Funatura), o bioma é conhecido como “berço das águas” justamente por concentrar nascentes de importantes bacias hidrográficas brasileiras. “Em um território pequeno, temos nascentes que alimentam três grandes bacias: a do São Francisco, a do Tocantins-Araguaia e a do Paraná”, afirma.

O especialista ressalta que essa riqueza, no entanto, está sob constante ameaça. Para ele, o principal problema é a ocupação desordenada do território. “A expansão urbana, muitas vezes em áreas impróprias, tem provocado o desmatamento, comprometimento de nascentes e até o desaparecimento de veredas”, diz. “Essa ocupação irregular é a grande causa da perda de qualidade ambiental no Distrito Federal.”

Além das pressões locais, César Victor aponta que o Cerrado sofre com uma desvalorização histórica em comparação a outros biomas. “Existe uma percepção equivocada de que o Cerrado é menos importante que a Amazônia, o que não é verdade”, critica. “O Cerrado é riquíssimo em biodiversidade, em água e em carbono. Ainda assim, as políticas públicas permitem níveis muito maiores de desmatamento aqui.” Segundo ele, esse cenário é agravado por incentivos econômicos. “Nós acabamos incentivando o desmatamento por meio de políticas voltadas ao agrogêncio e à mineração. Em muitos casos, isso é legalizado.”



César Victor chama a atenção para a relação direta entre conservação da vegetação nativa, segurança hídrica e qualidade de vida no Distrito Federal



Em um território pequeno, temos nascentes que alimentam três grandes bacias: a do São Francisco, a do Tocantins-Araguaia e a do Paraná

César Victor, engenheiro florestal e colaborador da Fundação Pró-Natureza

A relação entre a conservação ambiental e a segurança da população também é destacada pelo engenheiro. “Preservar o Cerrado é proteger áreas de recarga de aquíferos, nascentes e veredas. Isso garante segurança hídrica para o presente e para o futuro”, afirma. Ele defende o fortalecimento de políticas públicas voltadas à criação e manutenção de unidades de conservação. “É fundamental ampliar essas áreas e garantir uma gestão eficiente.”

O cenário atual do DF já apresenta sinais de alerta, com regiões em estágio avançado de degradação. “Existem áreas com capacidade de suporte praticamente esgotada, mas que ainda recebem pressão para novos loteamentos e expansão urbana”, aponta. Para

ele, instrumentos como o zoneamento ecológico-econômico e o Plano Diretor de Ordenamento Territorial (Pdot) deveriam ser respeitados com mais rigor. “O Pdot tem sido alterado de forma a permitir mais desmatamento, o que agrava o problema.”

Engajamento

César Victor também não descarta novas crises hídricas nos próximos anos. “As mudanças climáticas já estão em curso, com aumento de temperatura e irregularidade nas chuvas”, explica. “Se continuarmos com políticas que incentivam a expansão urbana sobre áreas sensíveis, a tendência é de piora. Em alguns anos, certamente enfrentaremos novas crises de abastecimento.”

Apesar dos desafios, o especialista reconhece que o DF possui uma base legal robusta para a proteção ambiental. “Temos instrumentos como o Código Florestal, o zoneamento ecológico-econômico e diversas leis voltadas à proteção dos recursos hídricos”, afirma. “O problema, muitas vezes, é a falta de vontade política e de recursos para implementar essas políticas de forma efetiva.”

Para o futuro, César Victor defende uma abordagem integrada. “Precisamos de gestão conjunta entre unidades de conservação, governo, sociedade civil e setor produtivo”, diz. “Também é essencial ampliar os investimentos em estrutura, pessoal e fiscalização.” Ele reforça que a participação da sociedade é indispensável. “Não é possível preservar o Cerrado apenas

com ações do poder público. É preciso engajamento coletivo.”

Ao projetar os próximos anos, ele faz um alerta e um apelo. “O crescimento da cidade precisa ser organizado e compatível com a preservação ambiental”, afirma. “Se não cuidarmos do Cerrado, vamos perder qualidade de vida. O Cerrado é um tesouro que ainda temos. Cabe a nós garantir que ele continue existindo para as próximas gerações.”

O especialista também destaca o vínculo afetivo e cotidiano com a cidade como elemento central para a preservação. “Brasília é a minha casa, é onde minha família vive, onde construí minha trajetória. Por isso, é fundamental que ela seja bem cuidada”, diz. “Uma cidade que não preserva suas áreas verdes perde qualidade de vida rapidamente.”

Meu encontro com Brasília

» MARCELO BERÉ

Um Beré em Brasília ou Beré do Cerrado

Meu pai, engenheiro mineiro recém-formado e recém-casado, estava trabalhando em uma firma em São Paulo e foi mandado para Paulo Afonso, na Bahia, para construção da barragem para a hidroelétrica. No canteiro de obras da usina, Carlos ficou sabendo que estavam precisando de engenheiro barragista para construção que formaria o lago artificial da nova capital. Quando chegou em casa, convenceu minha mãe que a melhor opção para eles, como jovem casal, seria uma aventura como pioneiros candangos. Não foi tarefa fácil, pois Albertina tinha deixado Pratinha, no

Triângulo Mineiro sem intenção de voltar para o interior. Em 1957, os dois já moravam na Vila dos Engenheiros no Paranoá, com a visão panorâmica do que um dia seria o lago.

Eu nasci no nove do nove de 1960, com Vênus em Libra na cúspide da primeira casa e quase que meu nome foi Gorgônio. Minha mãe era RH negativo, e como segundo filho, ela achou mais prudente me ter em BH. Com 20 dias retornamos ao Cerrado e minha relação com Brasília começou. Primeiro na Barragem do Paranoá (diz a lenda que foi meu pai que avisou ao JK que o lago tinha enchido, sem problemas na barragem) e depois no W3 Sul onde moro até hoje. Cresci vendo a cidade crescer. Corria dos graminhas e explorava a área onde hoje é o Parque da Cidade de camelo. Frequentava a escola de artes da Aliança Francesa e estudava em colégio de freiras. A infância da primeira geração de Brasília foi muito privilegiada e diferenciada. Um misto de cidade do interior e uma metrópole futurista vindo a ser. A terra vermelha e o

Alex Murphy



verde novo da grama a nascer combinado com um imenso céu azul dava os tons para criação de um espírito livre. Nessa altura eu notei que tinha duas Brasília: aquela dos que iam e viam e a outra dos que ficavam. Nós ficamos.

Adolecer na capital era um desafio, sempre acompanhado de um salto triplo mortal. Depois de perder a mãe com 12 anos, eu desbunde na vida. Era difícil me acompanhar; eu até que tentava, mas as vezes não conseguia. Explorar as cachoeiras

morrer de tédio. Inclusive se matar. Nessa, muitos grupos surgiram e muitos indivíduos desapareceram. Essas tribos urbanas se formavam quase que organicamente, onde os indivíduos iam se juntando via uma química quântica qualquer. Eu frequentava a Galeria Cabeças quando Néio teve a ideia do concerto entre quadras. Os anos de Pré-Universitário, com Dimer e Guila foram fundamentais para definição de tribo. O rock rolava não só na Colina, mas lá em casa, onde algumas

canções da Legião foram escritas. O Renato Russo falava que “antes de existir Punk em BsB tinha o Beré”, isso porque meu jeito de dançar, vestir, interagir e existir era sempre meio desajustado. Depois da passar por grupos como Músicas-à-tentativas e Trupe de Nephelibatás, encontrei no Circo Teatro Udigrudi o encaixe certo na tribo de desajustados. Quando me descobri palhaço na vida foi um alívio. Todo aquele desajustamento vivido no dia a dia encontrou lugar de voz, onde eu pude assinar e assumir o ser de espírito livre criado nos canteiros de obra da nova capital.

PS1 — Beré é o peixe mais feio do oceano, segundo um pescador gozador do Espírito Santo, minha cara.

PS2 — Graminha e camelo são expressões daquela época sendo primeiro relativo ao nome dado aos fiscais de parques e jardins e o segundo bicicleta

PS3 — @circoudigrudi e www.circoudigrudi.com.br

Marcelo Beré é ator, palhaço e integrante do grupo Udigrudi